

Ronaldo Junior

ideário poético da independência



Coleção
História Poética

vol.
1

Ronaldo Junior

*ideário poético da
independência*

Campos dos Goytacazes
2022

Obra premiada

no EDITAL DE SELEÇÃO PÚBLICA Nº 02, SEC/SECULT/MC, DE 7 DE
OUTUBRO DE 2019, Prêmio de Incentivo à Publicação Literária, 200 Anos de
Independência – 2ª Edição, realizado pela SEC/SECULT/MC

Idealização e Textos *Ronaldo Junior*

Coordenação artística *Andréa Macabu*

Pesquisa e preparação *Ana Paula Lopes*

Layout e Diagramação *Ronaldo Lobão*

Capa *Ronaldo Lobão sobre aquarela “Real Teatro de São João” (1834), de Jean-Baptiste Debret*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barbosa Junior, Ronaldo Henrique
Ideário poético da independência [livro eletrônico] / Ronaldo Henrique Barbosa Junior. --
1. ed. -- Campos dos Goytacazes, RJ : Ed. do Autor, 2022.

PDF

ISBN 978-65-00-59237-5

1. Brasil - História - Independência 2. Poesia brasileira I. Título.

22-140010

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização do autor.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:

Não sei. De fato, não sei

Como, por que e quando a minha pátria

Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água

Que elaboram e liquefazem a minha mágoa

Em longas lágrimas amargas.

“Pátria Minha”, Vinicius de Moraes

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Brasil, 200 anos de (In)dependência, por Carlos Augusto Alencar {7}

RESQUÍCIOS

No meio do caminho {13}

Desígnios absolutistas {15}

Incongruências {18}

Nas mãos {20}

Utopias propagadas {23}

Desdobradas profundezas {25}

Uma tarde na Praça do Palácio {27}

Pinturas do Ipiranga {32}

REVERBERAÇÕES

Grito de português {36}

Língua Brasil {37}

Maledicência {40}

Em chamás {44}

Mitologias da Independência {46}

Poema em carne viva {49}

Retrato em verde e amarelo {51}

Poema político {58}

APÊNDICE

Constituição Poética da Independência Nacional

Arts. 1º ao 17 {64}

SOBRE O AUTOR {99}

PREFÁCIO

Brasil, 200 anos de (In)dependência



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Confesso que estou com preguiça de pensar o Brasil. Sou geógrafo, com pós-graduação em História do Brasil, e admito: o Brasil me cansou. Fiz da minha vida uma luta para que este país valorizasse a ciência, a educação e a cultura, diminuísse sua profunda desigualdade social, se livrasse das amarras da corrupção e do patrimonialismo, tivesse apenas políticos que entendessem que a Democracia deve ser defendida acima de tudo e que ela deve ser apoiada aqui ou em qualquer outro lugar do mundo. Olhando para meus objetivos em relação ao Brasil posso assegurar, de forma convicta, que fracasei de forma retumbante e inequívoca.

Mas o amigo confrade Ronaldo Junior me chamou para prefaciar este excelente livro. Ele tem um inestimável talento. Grande poeta. E tem um caminho enorme e belo pela frente. É preciso ter esperança, afinal. Quem sabe a geração dele e a de meus filhos consiga o que a minha não conseguiu? Talvez... Então, seguimos.

A primeira coisa que a geração que vai pegar esse enorme problema que é o Brasil precisa entender é que tem muita mentira aqui. Muita. Nossa História, muitas vezes, é uma colcha de narrativas (aliás os termos “narrativa” e o tal “fake news” têm sido usados para não se usar a palavra “mentira”) dos poderosos sobre feitos que são

vistos de forma gloriosa quando, muitas vezes, não passam de um roteiro distorcido para colocar brilho em cenas opacas e, em alguns casos, lamentáveis. O belo manifesto poético que é este livro mostra que isso acontece. Ponto para o autor.

Outra coisa interessante que terão de enfrentar é a impressionante raiva que a população brasileira, em geral, tem de lembrar de seu passado. Falar do horror escravagista no Brasil, por exemplo, ainda é tabu. Enfrentar a verdade de como chegamos até aqui, com esse mar de problemas e injustiças, causa repulsa na maioria. Para isso precisamos de pessoas com coragem para mostrar esses problemas, desnudar como eles surgiram, apontar caminhos para a superação deles. Mais um ponto para o autor.

É preciso ter poesia. Não estou afirmando aqui que a pessoa tem de escrever poemas. Não é isso. Estou afirmando que é preciso ver que há poesia nas coisas. Ter alguma sensibilidade. Ter empatia. Perceber a riqueza interior das pessoas. Constituir, finalmente, um povo. Sim, estou afirmando que o Brasil não tem um povo. Um povo se une quando centenas de milhares de seus pares estão morrendo. Durante a pandemia o que se viu foi insensibilidade e, pasmem, galhofa do sofrimento dos outros. Inclusive o tema pandemia caminha para ser mais um tabu. Caímos em uma armadilha onde polarizar para gerar fanatismo político foi mais importante do que proteger nossos idosos e garantir a educação da maioria de nossos jovens e crianças. Um povo deve

ter a fraternidade e a empatia como pilares. Este livro mostra que é assim que deve ser. Autor, ponto.

É preciso superar a desigualdade social. Enquanto existir um único “flanelinha” na rua, uma única família sem teto, uma única criança passando fome, estará tudo errado. Sem essa de que isso é discurso de “esquerda” (outro “aliás”: a real luta do mundo hoje é se você apoia Democracia ou ditadura. O resto é só disfarce). Isso é Humanidade. Todos devem concordar com isso. Princípios como bondade, honestidade, caridade e respeito são a base da vida em sociedade. Se você não concorda ou finge concordar enquanto dissemina ódio e mentira na sua rede social, não leia este livro. Vai vomitar no primeiro verso que ler. Se já não estiver vomitando agora. Se isso aconteceu, ponto para o autor.

Ronaldo Junior aponta para todas essas coisas. Este livro, ou e-book (essa mania brasileira de não respeitar seu próprio idioma. Parece vergonha da língua de Camões e Pessoa. De Caetano e Nélida. Por que não chamam de “livro virtual”? Que tal “digilivro”?), ou seja lá como se chamam essas formas de publicidade literária, tem um compromisso com o futuro ao falar do passado. Até divirjo do autor, com respeito e democraticamente, em algumas de suas opiniões políticas, mas é claramente um livro humanista. Mostra que, nos duzentos anos da Independência do Brasil, ainda somos dependentes. Não, não é mais um discurso de coitadinhos diante do poder da “potência imperialista” e toda essa chatice que nunca nos levou a lugar algum. Somos

dependentes de nós mesmos. Temos a mania, doentia e infrutífera, de achar que os outros são culpados de nossos erros. Chega disso. Temos um país para construir aqui. Com gente que precisa ser incluída. Com trabalho e superação. Cobrando de quem devemos cobrar e não aplaudindo qualquer bobagem ou má ação de alguém só porque achamos que ele está “do meu lado”. Só tem um lado: o da Humanidade. Valores humanistas não podem ser solapados por interesses políticos e mesquinhas. O populismo é uma das maiores chagas destes cerca de oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados.

Bem, são muitas as mazelas de nosso Brasil. Nosso. Com todos os seus defeitos. Com tudo isso que temos de resolver. Mas é o nosso Brasil. De cada um de nós. Apesar do meu cansaço ainda acho lindos um samba bem sambado, um repentista inspirado, uma feijoada bem cheirosa, um chuveiro numa compoteira, um poema de Drummond, um ritual ianomâmi, uma mana chica do Caboio. Que país é o Brasil! Que problema é o Brasil! O Brasil me cansou. Mas amo o Brasil. Suas potencialidades, suas manifestações culturais, sua terra e sua gente que pode vir a ser, um dia, um povo.

Eu sei que é estranho, findar este prefácio pedindo que vocês não abandonem o Brasil. Cansei, é verdade, mas ainda torço por ele. Quem mandou ler Ledo Ivo, Castro Alves, Ferreira Gullar e Leminski? Quem mandou conhecer a história de Luís Gama, Aimberê, Lima Barreto e Machado de Assis? Conhecer as composições de

Cartola, Chiquinha Gonzaga, Gilberto Gil e Djavan? Terra de Nelson Rodrigues, Pelé, Chico Xavier e Beth Carvalho. Poderia citar vários brasileiros e brasileiras. Poderia citar os amigos e amigas que fazem arte e cultura em Campos dos Goytacazes. Mas citei apenas Ronaldo Junior, representando todos eles. É por minha família que torço pelo Brasil. É por estes que citei e que gostaria de ter citado que torço pelo Brasil. Ainda choro quando vejo o Sol nascendo sobre o rio Paraíba do Sul olhando do alto da ponte da Lapa. Quer saber? Estou cansado, mas vou continuar lutando. No fim de tudo é melhor perder defendendo aquilo que engrandece a Humanidade em sua plenitude do que vencer servindo de brinquete para o ódio e a barbárie. Ronaldo Junior, muito obrigado por criticar sem perder a ternura.

Que país é o Brasil! Que beleza é o Brasil!

Carlos Augusto Souto de Alencar

Brasileiro, apesar de tudo



**RES
QUÍ
CIOS**

NO MEIO DO CAMINHO



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

havia, ao que se

sabia,

um caminho inteiro

a percorrer a comitiva

do príncipe regente

não havia, porém,

a ciência de que

no meio do caminho tinha tantas gentes

tinha ignorantes testemunhas no meio do caminho

tinha um incrédulo nascer

no meio do caminho tinha algo que se poderia dizer

Brasil

e as máculas desse momento,

desse mil oitocentos e vinte e dois

ainda reverberam,

pois, ainda agora,
no meio do caminho,
nossa gente
procura, imprópria,
a identidade de ser

DESÍGNIOS ABSOLUTISTAS



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

imperador
- antes de si do que -
de todos,
Vossa Majestade
aqui ficou
se entronizou
se heroificou
se designou
a mandar
desmandar
e dizer ser
o que fosse

mas
a real face
do imperador
tinha as feições
do

medo
alimentado pelas
elites
- de ontem, hoje -
sobre o levante
dos subservientes
cativos,
que alimenta(va)m
uma máquina motriz
desgovernada

daí o uso da força absoluta
para manter cativa a força de labuta
que alimentava uma corte
que desditava o que era brasil

um absolutismo tirano
disfarçado sob heroísmo clemente
em óleo sobre tela

é o que se vê
de um Brasil às avessas,
indiferente sobre o peso das próprias
correntes

INCONGRUÊNCIAS



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

entre ruas e vielas
descalçadas,
viviam
traços de uma
humanidade
subalterna

entre os limites da
miséria,
das sarjetas desgraçadas,
pairava a completa
- extasiada -
vibração
sobre o que passava

os homens bem vestidos
- mais europeus que tropicais -
moviam suas peças

à revelia de um país
inteiro

o príncipe português
declarou brasileira
a colônia de Portugal,
mas disso nada importava
- apenas engenhosidades
pintadas no quadro
gritadas na imprensa
vivas por quem
possuía
o título de cidadão



a constante
firmeza
pelo controle
da realidade
é a chave de toda
sorte de despautérios
improvisados

pois o povo
- ou o que se pensa -
tem seu destino
marcado nas
decisões
do Chefe Supremo
de uma nação
desrepresentada

negros coisas

índios fora
pobres largados
- e a boa sociedade
se mantém intocada,
já que sustenta
 é sustentada
pela força que gira a moenda -

mas nada
 fugirá
 ao controle
 da sagrada inviolabilidade
 do imperador
 moderador

inexorável
preeminência
que regula o irregular
 segurando nas mãos
 a realidade que escorre

entre os dedos
insustentáveis

UTOPIAS PROPAGADAS



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

qual sol
que se avoluma
sobre as frentes
de vistas baças,
foi a independência
levada a cabo
sendo incutida
nas mentes da época

cantavam
ó sol
ó imperador
ó liberdade

sendo no entanto
o canto
ufanizado
da realidade distante

daí o ideal romântico,
capaz de louvar
o não ser
por querer que fosse
o que talvez nunca

e o farol divinizado,
proclamado aos tantos cantos,
é ainda hoje lamparina
na noite dos desgraçados

DESDOBRADAS PROFUNDEZAS



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

nega
o passado
pelo presente

o que se quer dizer
- inclemente -
que os grandes bustos
e quadros e praças
fizeram o que se entende por
Brasil,

mas
no entanto
ao país das profundezas
são negadas as mazelas
dos que habitam cada cena

no fundo

no canto
sem registro da cor

- figurantes para dar espaço
ao seleto elenco principal

UMA TARDE NA PRAÇA DO PALÁCIO



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

era um
vozerio
amontoado
pelas esquinas
enquanto o menino
 preto
 percorria
seus calcanhares
pela poeira desladrilhada

havia um movimento,
 um festejo tumultuoso
a transversar
 o dia

enquanto o menino
fugia da mãe ignorando
o que era ser cativo

e corria
por entre
as pernas
repletas
de tecidos

achando-se rei de si mesmo
naquela ensandecida
velocidade

ao redor,
havia quem olhasse
esnobasse
com um cativo a proteger do sol

naquela tarde,
conversavam os homens,
estava sendo aclamado o
Imperador do Brasil

D. Pedro I

era o festejo
da mudança que se espalhava
de boca em boca
a dizer que a vida ia melhorar

pois agora
não mais havia
qualquer amarra portuguesa
com o Imperador
à frente do Brasil

exatamente isso
talvez não acontecesse ao menino
- futuro marcado na cor da pele -
que em nada se alterava
pelos fatos apoteóticos
de um império arquitetado

e sua mãe
precisava voltar
para os olhos da sinhá
 quando viu o menino
 dar de cara com um homem distinto
 - bigode penteado
 casacas portentosas
 olhar pedante -
 e prontamente ser abordado
 pelos guardas dali próximos

a mulher
correu alguns espaços
até alcançá-los
e suplicar que o deixassem,
 que dela viria a reprimenda
 necessária

após queixas
pela balbúrdia

irresponsável,
deixaram ir

mas a mãe
- mulher escravizada
inominada para a história -
não o repreendeu
por saber
consigo
que aquela talvez fosse
a única liberdade
que experimentaria
viver

naquele Brasil
proclamado independente,
mas repleto de pendências
sobre si

PINTURAS DO IPIRANGA



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

portentosamente engalanado,

o príncipe regente

após passar em comitiva

por cidades tantas

do brasil

- ainda minúsculo -

de Portugal

alcançou as margens do riacho do Ipiranga

montado em seu corcel castanho

arredorizado

por bravos homens

também montados e

engalanados

para aquele momento

quando,

no ímpeto heroico

próprio das majestades,
brandiu seu gládio
e estrondou,
intrépido,
a incitação pela liberdade
"Independência
ou
morte"
de sua gente aviltada

entre contrastes,
porém,

chegaram ao riacho
o príncipe regente
e alguns homens

- todos enlameados e empoeirados pelo caminho -
exauridos pelas horas de viagem,
em suas mulas fortes e encardidas,

tropeiros num brasil
ainda colonizado

quando,
em desarranjo emocional e intestinal,
o príncipe regente
pressionado
esganiçou-se
em proclamar
"independência
ou morte"

e os presentes
que tratassem
de propagar em epopeia
aquele momento
desprovido
de elegância



**RE
VER
BE
RA
ÇÕES**

GRITO DE PORTUGUÊS



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Quando o português gritou
Imperador dos brasileiros
Ditou o que era pátria
Que pena!
Fosse uma revolução
A pátria tinha ditado
O português.

LÍNGUA BRASIL



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

foi gritada
a independência
na língua posta

que se fez nossa
após tantas perdas

no Ipiranga
no Paço
na estrada
que anda ainda por caminhos a dizer

há um grito além
a ser entoado nos falares
de cada qual no dia a dia

sobre ser o Brasil
dono de sua língua

- portuguesa de raiz,
brasileira de razões -
dentro da própria
individualidade

por isso
minha identidade é o que digo
em território
linguagens
poesia

tudo deságua
no passado construído
amarrado aos grilhões

e o silêncio
ainda cala
memórias

mas há

cada dia mais
um dizer frequente
que grita
vive
pensa
o que sente o país

- de longe, seria a tão falada liberdade a raiar no horizonte?

MALEDICÊNCIA



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

futrica

boato

fofoca

rumor

lorota

balela

mexerico

falatório

intriga

diz que diz

zunzunzum

notícia falsa

fake news

há muito

o que hoje

chamam

no vocábulo estadunidense

já desconstruía a realidade
em variações interessadas

mas o senso de novidade
ignora o que
era outrora folheto
e hoje é postagem
na rede social

e assim a fama
que ganha os livros
seria verdadeira?
seria manipulada?

e há quem saia por aí
dizendo ter sido enganado,
mas se esquece
do fato
de nunca ter
conhecido

a verdade

da colônia brasil
ao Brasil República
ainda não foi descoberta
a feição final

desde quadros idealizados
a candidatos demonizados
cada tempo faz uma pose
para a foto que
querem compartilhar

dessa forma,
nos formamos
de pós-verdade
em pós-verdade
sendo
a verdade uma farsa
contada na manchete

que se espalha
nas consciências
que se pensam
bem informadas

EM CHAMAS



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

morre um pedaço
das palavras que escrevo
no meio do fogo
que se espalha
se esfumaça
se destrói
na Quinta
da Boa Vista

as causas,
ainda agora obscuras,
são claras e flamejam
feito as labaredas

passa por nós
mais do que o fogo que
consome o patrimônio
- queima-nos o fogo da

falta de memória,
ainda não
sentido,
mas paulatinamente
é possível ver
desmoronar
nossa identidade
ao longo dos fins

dentro do prédio,
junto ao patrimônio da humanidade,
queimam algumas lembranças de infância
- esse tempo que não se percebia passar -
quando fui lá
e agora
nunca mais

Campos, 02 de setembro de 2018

MITOLOGIAS DA INDEPENDÊNCIA



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

amálgama

penosa

é ainda hoje

a liga de metal

incongruente

que unifica esta nação

num mesmo corpo

foram

- quase -

as palavras de

desassombro

do austero conselheiro

- autor intelectual -

de uma engenhosa

engrenagem

feita de

escravidão

interesses
opressão
que ainda dita a realidade
no país que não escapa
do passado que o persegue

e,
ainda que
a história santifique
fatos e saberes
para aformosear
as raízes brutas,
os dias
se incumbem de
aclarar as asperezas
das lesões
irregeneráveis

e lançar luz
sobre os nomes

banidos
de um cânone escolhido
sem contar os tantos

outros

de nobres nomes
estão cheias as praças
as ruas
as estantes

mas quem as fez
de fato
apenas passa
que não se percebe

tudo numa via
de apagamentos
de um passado
que se desdobra em
amanhãs

POEMA EM CARNE VIVA



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Uma batida esbranquiçada na porta
o céu estava gris
olhos humanos se avermelharam
pelas ruas pálidas,
e as palavras se avolumaram nos ouvidos:
a verdade chegou,
sorradeira e repentinamente
ignorada por todos e,
por isso,
intrinsecamente existente
pela história da formação das
almas.

A explicação para a
insensibilidade contemporânea
é o adensamento das negativas,
pois somos equivalentes no
mais profundo desequilíbrio

produzido pela sociedade
que desclassifica

em classes

imundas

de hipocrisia

sendo a dura realidade

fabricada por mãos pobres

molhadas de suor enlameado

de sangue negro

Há tempo o tambor

está surrado

e o batuque não canta

a voz do povo que o fez

canta a voz calada

pela acachapante

perda de sua própria

identidade

RETRATO EM VERDE E AMARELO



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Não sei como começar

Meu poema surge
como emergem
chagas do corpo
maculado pelo
chicote

A realidade
gris
é filha de uma
indignação
carmesim

Digo que o verde
e o amarelo
não possuem

o valor de outrora
- o vilipêndio
parece despertar
a ira das cores

Corrupção

Destruição

Governo

Oposição

Parece-me

que a retórica

- que brada a voz dos interesses -

é puro vazio

no coração da

minha

pátria

Ninguém sabe o que se passa pela cabeça da minha pátria

Trata-se da terra
que portugueses
navegadores
esperavam
encontrar

Olhe para trás:
nossos tijolos
são
frágeis
vontades
individuais

Talvez,
o mar em que hoje navegamos
não nos permita
avistar qualquer
terra,
pois longa é
a caminhada

e ruidosos
são os passos
que guiam
para o futuro

A solução, porém,
não se faz
dialética

Haveria no Brasil
solução plena
que não envolvesse ambos
os lados?

Minha gente
possui cravejada
uma memória
de lutas
pela própria
identidade

O domingo deixará marcas
que ecoarão vozes espúrias
no vazio fundamental do plenário

Enquanto isso,
passa na rua
um vendedor
de cuscuz
trazendo
um tanto de normalidade
ao dia repleto de angústia,
dando atenção ao trabalho
que lhe traz o sustento

Não há o que comemorar

Talvez o vermelho

que veste alguns
seja o sangue
que muitos
derramaram por direitos
hoje
destroçados
por mãos
sujas

A inocência útil
é a ruptura
da democracia

Um dia,
o povo entenderá
que sua luta
é a luta
do seu senhor,
que gera o ódio
pela hipocrisia

Verde

Amarelo

Cinza

Azul

Vermelho

Branco

BRASIL

Campos, 20 de abril de 2016

POEMA POLÍTICO



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

A verdade
 é que a República,
em termos de sentimento,
 não é intrínseca
 ao espírito
- a Flâmula Auriverde
hasteada sob os olhos -

 basta olhar
 os símbolos
 os olhares
 os exórdios
 os brados que retumbam
e os costumes
 da minha
 gente

A democracia

é mais que
um regime
é
um espírito
é
um valor

É preciso
entender-se cidadão
protagonista
da política nacional

Nas palavras do constituinte:

"Todo o
Poder
Emana do
Povo
[...]"

O povo,

em sua ingênua
alienação,
ainda sustenta
o que fala
o Grande
Irmão

Minha gente luta
a luta do seu senhor,
vociferando
contra seus direitos
maculando
a própria história

A República
ainda não foi
porque a política
é "coisa suja"
praticada por
"gente suja"

que ninguém
refuta
nem tenta
se opor

Meu poema
se martiriza
na identidade
ausente
do meu povo

É o apoderar-se
dos pobres
pelos ricos
numa segregação
de classe
cor
e credo

Um fato é certo:
a política
ainda não faz parte
da mesa do
brasileiro



**APÊN
DICE**

**CONSTITUIÇÃO
POÉTICA DA
INDEPENDÊNCIA
NACIONAL**

ART.1º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. A inviolabilidade dos Direitos Cívicos, e Políticos dos Cidadãos Brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual, e a propriedade, é garantida pela Constituição do Império, pela maneira seguinte.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

Não há humanidade
sem o que se
guarda por dentro
posto pra fora em
constante transpiração

O homem
nasce
pensa
constrói
des(cons)trói

As únicas amarras
devem ser as emoções

Por isso,
chegando ao mundo,
cada ser
devia ostentar o título:
"livre"
para fazer a própria felicidade

Mas
nascem acorrentados
a uma série de passados
a uma série de determinações

Homem
Mulher
- ou o que for -

Todos

Iguais
para superar as
desigualdades
de cada dia
des
ni
ve
la
dos
pela própria existência,
iguais perante a lei

ART. 2º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

I. Nenhum Cidadão pôde ser obrigado a fazer, ou deixar de fazer alguma cousa, senão em virtude da Lei.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

O homem se governa
sem olhar para os lados
e deixa passar as almas
transparentes que não o
fazem em seu próprio eu

Assim o homem
pega o bastão do poder
e permanece
- e enlouquece -
sem se deixar
contaminar

com aqueles que
precisam e não são

E aqueles direitos todos
- ditos naturais -
perdem-se pelas gavetas
das salas oficiais
e tudo não passa
de um ego
e tudo não passa
de um querer

libertar
prosperar
assegurar
resistir

Direitos pra quem?

vale
quem
tem

ART. 3º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 1. O IMPERIO do Brazil é a associação Política de todos os Cidadãos Brasileiros. Elles formam uma Nação livre, e independente, que não admite com qualquer outra laço algum de união, ou federação, que se opponha á sua Independencia.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

O pilar da soberania

são as mãos

pernas

troncos

pés

do povo

que suporta o peso

de existir e poder

se dizer cidadão

cidadania

soberania

nação

é o conjunto de braços
que fazem o dia a dia
de uma multidão

Ninguém possui autoridade
para se dizer acima
do Estado que se cala
do sujeito que não se rima

E tudo se resume

- mesmo que um

resumo não baste -

numa tremenda

descompostura chamada

realidade

ART. 4º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 178. E' só Constitucional o que diz respeito aos limites, e atribuições respectivas dos Poderes Politicos, e aos Direitos Politicos, e individuaes dos Cidadãos. Tudo, o que não é Constitucional, póde ser alterado sem as formalidades referidas, pelas Legislaturas ordinarias.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

O meu direito
não tem direito
de negar o direito
dos outros

Eis a máxima
Eis o limite

basta nascer
- ou até antes -
para transformar-se

em sujeito

fundamental

é ser humano

o resto é destino

ART.5º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

II. Nenhuma Lei será estabelecida sem utilidade publica.
(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

O que a lei diz

não passa de um amontoado
de códigos
incompreensíveis
se a essência
humana
não a sustenta

FATO

a lei emana de um gesto

VALOR

desfeito em convicção

NORMA

que se cala no papel frio

- a lei não faz arte

a lei faz a parte

de quem sabe o que quer

só quem fica à parte

não sabe o que tem

ART. 6º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

XIII. A Lei será igual para todos, quer proteja, quer castigue, o recompensará em proporção dos merecimentos de cada um.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

A lei diz

o que queremos

dizer

- será que ao menos

sabemos

o que diz a lei?

Ou será a lei uma expressão

de vontades dissimuladas?

- um voto

um veto

um encontro

às escuras

Legitimamos

quem cria

direitos e deveres

poderes e fazeres

orçamentos e salários

- talvez nem tenhamos

consciência

do poder

que somos

ART. 7º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

VIII. Ninguém poderá ser preso sem culpa formada, excepto nos casos declarados na Lei; e nestes dentro de vinte e quatro horas contadas da entrada na prisão, sendo em Cidades, Villas, ou outras Povoações proximas aos logares da residencia do Juiz; e nos logares remotos dentro de um prazo razoavel, que a Lei marcará, attenta a extensão do territorio, o Juiz por uma Nota, por elle assignada, fará constar ao Réo o motivo da prisão, os nomes do seu accusador, e os das testermunhas, havendo-as.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

Se os direitos humanos
valessem só pra
humanos direitos,
você teria algum
direito?

Ou os pecados

os pensamentos
as nada pequenas
 corrupções
de cada dia
seriam um dedo
a apontá-lo como
 infrator?

Há um medo por
 trás dos cidadãos
 ditos de bem:
resistem contra a descoberta
 de suas rotinas
 protegidos por vazias
 palavras de ordem

Por isso se fazem tão bandidos
quanto os infratores da lei
com seu ódio cego
 seu discurso moralista

sua hipocrisia seletiva

a condenar

culpar

atacar

Sem talvez olhar pra si

Porque os direitos humanos

"só defendem bandidos"

ART. 8º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

X. A' exceção de flagrante delicto, a prisão não póde ser executada, senão por ordem escripta da Autoridade legitima. Se esta fôr arbitraria, o Juiz, que a deu, e quem a tiver requerido serão punidos com as penas, que a Lei determinar.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

Meu delito de hoje

foi não olhar para o lado
e ver humanidade
nos olhos de quem
precisou de mim
- crime gravíssimo,
porém sem definição
legal

ART. 9º



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

*XI. Ninguém será sentenciado, senão pela Autoridade competente, por virtude de
Lei anterior, e na fôrma por ella prescripta.
(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)*

Sou inocente

suas palavras
- lâminas afiadas -
me ultrapassam
o peito e me ferem
vingativamente
sem querer saber
de mim

o que sou,
no entanto,

não depende de ditos

- basto-me no silêncio,
que por si só muito diz

a realidade

é que a inocência

não passa de um estado
de profundo desespero
acusador

ART.10



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

*V. Ninguém pôde ser perseguido por motivo de Religião, uma vez que respeite a do
Estado, e não offenda a Moral Publica.*

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

G R I T O

porque os ouvidos
não me ouvem

e o que eu acho
não passa de um rótulo

que fere minha integridade

- basta ser para
perder espaço

basta crer para

ser apedrejado

basta gostar para

ser insultado

basta dizer para

ser alvejado

por balas de

borracha

sem qualquer opinião

ART. 11



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

IV. Todos podem comunicar os seus pensamentos, por palavras, escriptos, e publicar-os pela Imprensa, sem dependencia de censura; com tanto que hajam de responder pelos abusos, que commetterem no exercicio deste Direito, nos casos, e pela fôrma, que a Lei determinar.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

Escrevo
para não ser
alvo dos
fantasmas
- vultos diários -
que vivem a
dizer inaceitáveis
as palavras que
devo expressar

Censura é opressão
a dizer
"isso não se fala"
por medo das respostas
- pontudas atravessadas -

Por isso
verso é resistência
manifesta
ação

ART.12



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

*Art. 99. A Pessoa do Imperador é inviolavel, e Sagrada: Elle não está sujeito a
responsabilidade alguma.*

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

Para que o homem

seja cidadão

é preciso forçá-lo

é preciso colocar-lhe

contra a parede e gritar

"tu és livre!"

Livre como o mais

franco raio de luz

Salvo se esbarrar,

no entanto,

nos interesses de
quem arrematou
toda a liberdade
para o seu patrimônio

ART.13



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

XV. Ninguém será exento de contribuir pera as despesas do Estado em proporção dos seus haveres.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

O café

O almoço

O lanche

O jantar

A educação

A arte

A ciência

A saúde

O ar

O sonho

O existir

O pensar

A miséria

A luta

A vontade

A vida

tudo tem seu preço

- sobre

o qual

incide

uma carga de tributos

que faz o poder

"funcionar"

ART.14



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

*Art. 24. As Sessões de cada uma das Camaras serão publicas á excepção dos casos,
em que o bem do Estado exigir, que sejam secretas.*

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

Cada cidadão

é uma cidade

- espaço sem chão -

neces(c)idade

em solidão

Mas ainda se pode

exigir

ainda se pode

querer

ver

- mas ver

não muda nada
quando não se tem
poder

ART. 15



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 171. Todas as contribuições directas, á excepção daquellas, que estiverem applicadas aos juros, e amortisação da Divida Publica, serão annualmente estabelecidas pela Assembléa Geral, mas continuarão, até que se publique a sua derogação, ou sejam substituidas por outras.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

"Conta" é palavra amarga
 conta(minada)
 pelo homem
 que des(conta)
 sobre todos os
 outros aquilo que
 apenas seu narciso
 quer

Pedir as contas
é apenas uma liberdade

que passa e confirma
uma série de verdades
para quem não
tem o que fazer

ART.16



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

XXXIV. Os Poderes Constitucionaes não podem suspender a Constituição, no que diz respeito aos direitos individuaes [...].

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

Não há garantias de
que os direitos
não são também
uma arma contra
quem queremos ser

Por isso permanecemos
e andamos
e vivemos
na inconstitucionalidade
das expressões,
à sombra dos princípios

deixados à mercê

Mais vale haver palavra escrita

- garantias para ler -

do que sorte pra

guiar o que se tem para ver

A constituição se faz luz

- ainda que de lamparina -

para as gentes

as ruas

as praças

as favelas

as fábricas

que urgem

a construir

realidade

ART. 17



OUÇA
O TEXTO
NO SPOTIFY

Art. 179. [...]

XXII. E'garantido o Direito de Propriedade em toda a sua plenitude. Se o bem publico legalmente verificado exigir o uso, e emprego da Propriedade do Cidadão, será elle préviamente indenmisado do valor della. A Lei marcará os casos, em que terá logar esta unica excepção, e dará as regras para se determinar a indenmisação.

(Constituição Política do Império do Brasil, em 25.03.1824)

Por último,
no fim,
vale dizer
que o homem
pode até comprar
o mundo
mas jamais o terá
enquanto não for capaz
de ser dono de si,

submisso às coisas
submisso ao poder
que o destrói
- selvagem -
enquanto
pensa dominar
aquilo que possui



SOBRE O AUTOR

Ronaldo Junior nasceu no Rio de Janeiro em março de 1996 e reside em Campos dos Goytacazes desde 2005, onde iniciou sua carreira literária. É bacharel em Direito, estudante de Letras – Português e Literaturas, poeta, contista, cronista e um brasileiro que cisma em admirar, entre belezas e contradições, a grandeza deste país. É membro da Academia Campista de Letras, da Academia Pedralva Letras e Artes e da Academia de Letras do Brasil Seção Campos, entre outras instituições culturais. Publicou “O verso sou eu – Antologia de sentimentos” (2016), “Muros impalpáveis – Recorte poético da cidade de Campos” (2021) e “Prosas descolonizadas” (2022).

 www.ronaldojuniorescritor.com

 rhbj@outlook.com

 [@ronaldojuniorescritor](https://www.instagram.com/ronaldojuniorescritor)

Esta obra foi premiada no EDITAL DE SELEÇÃO PÚBLICA Nº 02, SEC/SECULT/MC, DE 7 DE OUTUBRO DE 2019, Prêmio de Incentivo à Publicação Literária, 200 Anos de Independência – 2ª Edição, realizado pela SEC/SECULT/MC.

Revisitar um passado não vivido que, no entanto, torna vívida a realidade dos agoras guarda a importância de se saber brasileiro a partir das entrelinhas omissas que podemos enxergar pelas brechas das relações rotineiras. Pensando nisso, os versos desta obra tentam repensar a formação de um Brasil cujas nuances históricas funcionam como pilares de uma sociedade em constante (re)descoberta, questionando a formação da identidade nacional sem tirar os olhos do contexto político, social e cultural contemporâneo, justamente para mostrar que as novidades da realidade não passam de reformulações de um passado não superado que muitos se recusam a conhecer.

O autor



ACESSO NAS
PLATAFORMAS
DIGITAIS

Obra premiada no EDITAL DE SELEÇÃO PÚBLICA Nº 02, SEC/SECULT/MC, de 7 de outubro de 2019, Prêmio de Incentivo à Publicação Literária, 200 Anos de Independência – 2ª Edição, realizado pela SEC/SECULT/MC.

